

# ELOÁ.

ORMA  
889.91  
R. 363 e

MYSTERIO.



S. LUIZ DO MARANHÃO.

1867.

Um erro na traducção do sexto capitulo do Genesis deu existencia ao seguinte versiculo:—e aconteceu que os filhos de Deus viram as filhas dos homens e as acharam bellas, e escolheram para suas mulheres aquellas dentre as que lhes agradaram.

Bazeados n'este engano, dois poetas ingleses, Byron e Thomaz Moore, escreveram cada um o seu poema; o de lord Byron, intitulado—*O Céu e a terra*—, ficou incompleto, mas não assim o de Thomaz Moore, que, com a denominação de—*Os amores dos anjos*—, é muito merecidamente applaudido. O visconde de Almeida Garrett, soccorrendo-se á mesma fonte, escreveu o—*Anjo e a princesa*—, delicado poemetto como os sabia conceber e executar talento de tão fino gosto e de tão poderosa aptidão para o cultivo litterario.

A *Eloá* do conde Alfredo de Vigny não tem de commum nem com o erro da versão da Biblia, nem com o modo de tractar o assumpto, que se observa nas produções de Byron, Moore ou Garrett; mas, evidentemente prende-se á mesma ordem de ideias, sendo como que d'ellas uma caprichosa inspiração.

*Eloá* não é filha do homem, mas de Deus; formou-se de uma lagrima de Jesus Christo chorada sobre o cadaver de Lazaro.

Conduzida ao ceo, d'elle se ausentou, indo ao encontro de Lucifer, que a seduziu e perdeu.

D'entre os poemas, que a musa elegante do conde Alfredo de Vigny legou á apreciação dos que o leem, admirando a suave e perfeita organização artistica de tão delicado escriptor, o que sempre mais intimamente me agradou foi o de que estou tratando.

Ensinou-me a lhe conhecer as bellasas um amigo e companheiro de estudos, que tive, Trajano Galvão de Carvalho, que já deixou de pertencer á communhão dos vivos, mas que por sua não vulgar intelligencia e nobre character está sempre na lembrança dos que tiveram a fortuna de o conhecer.

Trajano Galvão de Carvalho fallou-me uma vez na traducção da *Eloá*, que por elle fôra emprehendida, se por acaso conhecesse em si mais aptidão para a boa execução do trabalho; e accrescentou que o poema trasladado á nossa lingua seria o mais bello mimo de noivas, que alguém podéra fazer.

Ninguém ponde nunca vencer a excessiva modestia, que era a feição characteristic de sua indole, e por amor d'ella ficamos privados d'este como de muitos outros trabalhos com que poderia enriquecer as nossas letras.

Gravou-se-me na memoria a communicação, que me foi feita, e o desejo e o juizo n'ella contidos. Bem que muito menos apto para a realisação do trabalho, resolvi tenta-lo em 1862, deixando-o logo em começo. Este anno impuz a mim mesmo o dever de o adiantar e o concluir, e agora o entrego á luz da publicidade.

Se outro fôra o traductor, que não eu, o poema do conde Al-  
fredo de Vigny havia de obter carta de naturalisação portugue-  
sa; mas, imperfecto e incorrecto, ainda assim diz-me a consciên-  
cia que os que lerem a tradueção ficarão tendo em elevada  
conta o distincto poeta francez contemporaneo, caso não conhe-  
çam ainda as suas bellissimas composições em prosa e verso.

1867.

FLAVIO REIMAR.

A' MENINA

MARIA BARBARA DE SOUSA ANDRADE.

## OFFERECIMENTO.

Doura-te a fronte da belleza a aureola,  
brilha nos olhos teus luz de bondade,  
e o meigo riso do semblante angelico  
transpira felicidade.

Perpassas entre nós no brinco edeneo  
d'essa idade infantil graciosa e bella,  
como um anjo, que a mão do artista-genio  
deixou vivo na t'ela.

Um côro de affeições puras e varias  
cerca-te a vida, e a voz do amor te ensina  
de pai e mãe na monodia etherea,  
oh, candida menina!

Dá que eu ame tambem a flor purissima  
de tão formosa e placida existencia,  
que sagre o branco altar ao doce effluvio  
de que te adorna a timida innocencia.

Tens no meu peito erguido um templo candido  
onde um canto de amor constante sôa,  
voz de um hymno, talvez, carme dulcissimo,  
que diz que és meiga e bôa.

Quando contemplo de teu rosto o vivido  
alvorecer da infancia em graça e riso,  
triste recordação me leva o espirito  
ao ceo, ao paraiso.

Dois anjos, que perdi, á esphera rutila  
ascenderam, voando mansamente,  
e me deixaram só, sentindo as magoas  
da saudade pungente.

Ambos tranquillos no viver ephemero,  
que o ledo engano me enfeitou de amores,  
dando perfume e nectar aos meus labios,  
convertidos depois em tantas dores.

Fica entre nós; se um dia ao divo gremio  
quiseres regressar pura e saudosa,  
pede que vamos antes d'este exilio  
abrindo-te o caminho, oh, flor mimosa!

Ella disse que foi a serpente a quem ouviu  
e que a enganou.

GENESIS.

# ELOÁ,

—

## CANTO PRIMEIRO.

—

### NASCIMENTO.

No tempo em que Jesus viveu no mundo  
para salvar do peccado a humanidade,  
nasceu na terra um anjo, sem segundo  
na graça, na belleza e na bondade.  
Cercado do socego o mais profundo  
tinha Jesus deixado com humildade  
os muros de Béthania; e desterrado  
trasia a turba a caminhar-lhe ao lado.

Com lento passo o campo atravessava,  
ora o sustendo para consolo e prece;  
posto á beira da estrada, alli tomava  
por symbolo o campo e a madura messe.  
Ou sentenças dizia e licções dava,  
qual a do máo pastor, que nos offerece  
exemplos como a ovelha desgarrada,  
ou do Samário a narração pensada.

Proseguindo depois n'essa conquista,  
que foi só mansidão e só brandura,  
Jesus aos cegos lhes foi dando vista  
e ao leproso saude e formosura.  
Á filha de Canan, que se contrista,  
ouviu-a nos pedidos de amargura;  
a infancia abençoou e a certa estrada  
ensinou á que d'ella era afastada.

Todos, dando-lhe pranto em despedida,  
iam após si deixando esses logares  
onde em desterro, pena immerecida,  
ficava aquelle a quem se ergueu altares.  
Era filho do homem e bem cumprida

foi a ordem de edictos regulares;  
sahido d'entre os seus, a prophecia  
em nada, sim, em nada não mentia.

Os amigos de Christo na Judéa  
ora viam da vida o fim chegado,  
fim, que elle havia na sublime ideia  
por uma e muitas veses retardado.  
Perdeu Lazaro a vida, que inda cheia  
era de amor e fraternal cuidado;  
mas, o amigo de Christo não morria,  
tendo elle mais poder que a morte fria.

Partiu Jesus á noite e foi seguido  
pelas irmans do morto, a cujo abrigo  
deveu elle o descanso permittido  
a quem foge da trama do inimigo.  
Tudo para as irmans era perdido;  
Christo em vão lhes disia:—dorme o amigo!  
Elle, o filho de Deus, vendo o sudario,  
chorou tambem da morte no sacrario.

Em signal de amisade alli vertida,  
esta lagrima santa derramada  
não foi chorada em vão, não foi perdida,  
mas, na urna dos anjos resguardada  
á vista dos mortaes, n'ella cahida,  
como o orvalho de fresca madrugada;  
e ao ceo levada foi a maravilha,  
que entre as luses do empyreo inda mais brilha.

Do Padre Eterno a vista compassiva  
á lagrima deu luz, acção ao pranto;  
deu alma e vida áquella essencia diva  
o poder, que pertence ao Espirito-Sancto.  
Qual o incenso, que arde á força viva  
dos raios com que o sol adorna o manto,  
se transforma e converte em fogo ardente,  
puro, vermelho, lindo e resplendente,

assim do fundo da urna diamantina  
viu-se uma virgem branca levantar-se,  
bella, mimosa, pura, alva e divina,  
pouco a pouco nas fôrmas augmentar-se;  
ouviu-se de uma voz qual de menina

o nome, que á belleza aprouve dar-se:  
era—Eloá!—; e o anjo, que surgia,  
—aqui estou!—meigamente respondia.

Em rico adorno para Deus caminha  
como a noiva, que ao templo é conduzida;  
a fronte é bella e pura qual florinha,  
que do nome do lyrio é conhecida.  
Cobre-a ceruleo veo, que bem se alinha  
aos contornos da fronte embellecida,  
e as finas dobras vão-se alevantando,  
mui levemente os ares agitando.

São seus cabellos louros repartidos  
em molles crespos, que, no ar brincando,  
semelham brandos raios espargidos  
por um astro, que á noite vai errando.  
Rosa vermelha aos lumes despedidos  
d'alva, que em ceo azul vem despontando,  
não tem do rosto do gentil archanjo  
o pudor virginal, proprio de um anjo.

Dos seus formosos olhos a doçura  
é mais meiga que a branda luz da lua,  
quando aclara do bosque a espessura,  
correndo pelo espaço quasi nua.  
As azas são de argento e só brancura;  
sob a pallida veste, que fluctua,  
ora os pés alvos se lhe vão mostrando,  
ora também ás vistas se occultando.

O seio, que se agita e é visto apenas,  
os contornos levanta do tecido  
celeste aonde ás côres mais amenas  
vê-se o fino trabalho reunido.  
Mulher e anjo nas feições serenas,  
linda como no céu não tem havido,  
unindo á pura essencia dos amores  
primor divino e da belleza as flores.

Quando á terra baixou em tempos idos  
o archanjo Raphael, anjo bondoso,  
contou a quem lhe deu crentes ouvidos  
este mysterio e caso mui formoso;  
ao ceo onde só moram bem-queridos

ninguem levou maior praser e gòso,  
ninguem, nenhuma d'essas fôrmas bellas,  
que Deus aos anjos deu o-amar e vé-las.

Nas azas d'ouro envolvidos,  
cobertos de tenue véo,  
curvaram frontes humildes  
os puros anjos do ceo.  
E as virgens, n'este cortejo,  
aos anjos foram-se unir,  
como em tórno de alva lua  
nuvens de roseo fulgir.

Correm todas de mãos dadas,  
porque ao anjo querem ver;  
harpas d'ouro eram pendentes  
das cinturas innocentes  
em longo e frouxo pender;  
flores no ceo desbrochadas,  
como orvalhos a cahir,  
chovem das mãos delicadas,  
quaes nunca em patria dos homens

terra ingrata viu florir.

Cantava o côro divino:

«Feliz o mundo será,  
«que por guia peregrino  
«tiver a linda Eloá.  
«Consôlo dos infelizes  
«bondoso o anjo hade ser;  
«mas, que globo em seus matises  
«ha de ufano o receber?  
«que sec'lo, que tempo o espera?  
«novos ceos, em outra era,  
«por que os reja, hãode de nascer?»

Um dia... (Quem lhe dar o nome ousára  
ao que não tem futuro e jámais volta?  
a lingua humana é de expressões avára;  
vela-se a eternidade á mente envôlta  
no limite cruel, que em vão se aclara,

e, se um instante de si desprende ou solta,  
preciso é ver um nome que, sabido,  
torne-o de nós no tempo conhecido).

Um dia os anjos do immortal imperio,  
não prudentes outr'ora, assim fallaram:  
«Cuidado em vós, formoso anjo, sidereo,  
«que muitos d'este empyreo já tombaram.  
«Ao mais bello de nós, ao mais ethereo,  
«justas penas de exilio castigaram;  
«áquelle que na graça primitiva  
«era o que em si trasia a luz tão viva.

«Jam sempre com elle o amor e a vida  
«onde fosse levar a voz divina;  
«tão formoso que a terra embevecida  
«poz-lhe o nome na estrella matutina;  
«tão lindo que na fronte enrubecida,  
«entre os cabellos de ouro e seda fina,  
«o sol o collocou como diadema,  
«ufano d'este enfeite de tal gemma.

«Mas, hoje tem perdida a vivaz corôa,

«geme sósinho a ausencia dos amores;  
 «de um crime a negridão amostra e cõa  
 «pêzo e sombra em seus olhos, não fulgores.  
 «D'este verbo do ceo já lhe não sôa  
 «na voz a phrase de harmonia e flores;  
 «falla na morte, queima quanto avista,  
 «tudo o em que toca murcha e se contrista.

«Nenhum leve sentir n'alma lhe mora,  
 «nem praêser das desgraças obra sua;  
 «perturba-se este ceo, se o commemora,  
 «como lymphá que o fogo faz que estúa;  
 «nenhum anjo, que a Deus estima e adora,  
 «que entre nós manso e manso aqui fluctua,  
 «d'elle a historia dirá, e nenhum sancto  
 «fallar d'elle uma vez ousára tanto!»

Não maldisse-o Eloá; feições de medo  
 ninguém viu no seu rosto socegado.  
 Máo presagio no ceo logo, bem cedo,  
 houve porque do archanjo desthronado  
 o triste caso de orgulhoso enredo  
 em desejo de auxilio foi tornado

na que o ouviu em placida bondade,  
não tomada de horror, mas de piedade.

Deu logar em seus lábios á tristeza  
a desgraça offerecida á sua ideia;  
começou de scismar scisma defesa,  
perturbada a corar, de pudor cheia,  
turbando, enfim, dos olhos a belleza  
uma lagrima, que a palpebra roseia.  
Feliz o coração, que d'esta sorte  
de si lança a primeira antes da morte!

Teem os anjos os tedios, que nós temos,  
pobres na terra ou nobres na grandesa;  
mas, nos proprios festins ás vezes vemos  
isolar-se o que geme e ama a tristeza.  
Voz, que em seu coração produz extremos,  
nem de forte nação, nem da realesa  
ao rugir do viver, ruido incessante,  
é capaz de extinguir-se um só instante.

Estaveis sem poder, harpas divinas,  
carros de gloria linda entre fulgores!  
Adornos do Senhor, bandeiras finas,  
viva, cadente estrella dos pastores  
das mãos de Deus eternas, peregrinas;  
ouro do ceo, do cynamomo odores,  
delicias do Nebel, pedras formosas  
dos vasos de resinas olorosas,

vosso esplendor, perfume e canto ameno  
não, soffrê-los não pôde um archanjo triste;  
o cantico sagrado lhe é veneno,  
que perturba o scismar, que n'elle existe.  
Não vê no canto o som grato e sereno,  
que responde á ternura e lhe resiste,  
quando o espirito busca em vão desejo  
guardar do occulto amor o casto pejo.

Quer Deus, chamando os anjos, desvendasse  
a grandesa infinita aos seus olhares,  
ou nos ceos, berço eterno, lhe mostrasse  
gloria e poder em rutilos altares;  
quer o grupo dos anjos se aprestasse

para estancar-lhe n'alma os mãos pezares,  
exhibindo o viver de Jesus-Christo  
de modo e n'um scenario nunca visto,

o presepio aos reis magos offerecido,  
no deserto a familia, e dos pastores  
a sancta saudação, não distrahido  
o anjo, a linda Eloá, d'estes actores  
afastando-se triste e commovido,  
foi procurar das nuvens os pallares  
a cuja sombra, posto em liberdade,  
scismar podesse ao grado da vontade.

Ha noites lá no ceo; ha fonte pura,  
que lava a agua brilhante em rubra areia.  
Se um anjo a bebe ao saibo da frescura,  
a lympha, que alli corre em linda veia,  
fá-lo dormir um somno de doçura  
tão grata, de taes sonhos sempre cheia,  
que o mais amado amante d'este mundo  
bem quisera-o dormir longo e profundo.

Mas, embalde Eloá d'ella bebia,  
nenhum somno lhe cò a o esquecimento;  
de noite em sonho a imagem lhe surgia  
de um anjo, que implorava algum alento.  
O grupo virginal, que presentia  
da occulta dôr o triste pensamento,  
cantando, perguntava ao anjo bello:  
se no ceo não estava o seu anhelô,

se ali era pequena a felicidade,  
se algum dos seraphins não lhe podia  
mudar a pena em risos de bondade.  
A taes vozes Elôa respondia,  
cheia a phrase de amor e amenidade:  
«nenhum do seu consòlo carecia,  
«excepto um infeliz. . .» O grupo asinha,  
calando o nome, deixa-a sósinha.

Das virgens a companheira  
um dia, deixando o ceo,  
só, medrosa, a rir fagueira,  
soltando as azas, desceu,

buscando a terra querida,  
astro deserto, sem luz,  
no espaço immenso perdida,  
vacuo que ao anjo seduz.

Lá de Luizania bella na floresta  
brilhante beija-flor, tendo rompido  
a casca d'aureo ovo, que o sol cresta,  
deixando o berço nos bambus tecido,  
sai do ninho florido em chilro e festa,  
de azul couraça o peito revestido,  
verde esmeralda a fronte lhe enfeitando,  
nas tão purpureas asas se librando.

Vôa ás luctas do ar, e á luz brilhante  
as plumas de coral ledó espaneja;  
espanta o pombo e na palmeira ovante  
pousa de leve em rápida peleja.  
Acha o plaino oloroso fatigante,  
vai de uma arvore á outra e a flôr lhes beija,  
crendo encontrar d'este festejo agreste  
o gôso no palmista ou no cypreste.

Mas, o bosque é tamanho e elle é pequeno,  
e do berço o perfume alli não sente;  
desce á verde savana em vôo ameno,  
buscando o aroma, que o fará contente;  
menos teme da serpe agro veneno  
que a tristeza do bosque humido, ardente;  
beija o jasmim das Floridas provindo  
e os doces fructos de um aspecto lindo.

Igual ao beija-flor, Elóa, a bella,  
forte dès que nasceu, d'aza experimenta  
o magico motor, que lhe revela  
poder immenso, que a vontade augmenta.

Porque possa encontrar seres nascidos  
em outros astros, em diversos mundos,  
chegou sósinha em vôos extendidos  
aos extremos dos ceos, que são profundos,

depois que a via lactea atravessando,  
conjuncto de mil fogos sempre ardentes,

por cima dos planetas se librando,  
poz os pés nos cometas transparentes.

Do ceo á sombra tumida  
na qual principio tem  
do abysmo a densa tenebra  
posta dos ceos aquem,  
de grãos em grãos o éthero  
na escala a se estender  
occupa o espaço indomito,  
que vai-se além perder.

Se um anjo desce trepido,  
deixando o azul do ceo,  
uns ares menos vividos  
encontra o que desceu.  
Vapores, nuvens tetricas,  
terríveis furacões  
passam, volteiam rubidos,  
sopando asperos sons.

Mas, sob a zona esplendida

da forte luz solar,  
sob as camadas dubias  
de vida, luz e ar,  
em cujo estreito ambito  
podemos todos ver  
estas esferas nitidas  
o espaço a percorrer,

há o deserto frigido,  
immenso e serpeado  
de um turbilhão horrisono  
pezado a se arrastar;  
ha luz de um dia pallido  
nas nuvens sepultado,  
debaixo o caos terrifico  
e a noite a negrejar.

E quando o ardente anhelito  
do vento em fogo agita  
do abysmo o seio turgido,  
profundo a mais não ser,  
o não palpavel vacuo,  
no qual o olhar se fita,

sem côr, sem luz, sem termino  
comêça a apparecer.

Nunca nenhum Espirito  
chegou do abysmo ao fim;  
jamais por estes circulos  
perdeu-se um cherubim.  
Os anjos, que são validos,  
temem que o impuro ar  
debaixo da asa candida  
alli venha a faltar.

De mais receiam pavidos  
voar, cahir, descer  
áquelle cahos mephitico  
de fundo a escurecer.  
Que sorte n'este exilio  
teria o cherubim?  
do riso máo, satanico,  
a offensa má, sem fim.



Ou, em perigo maximo,  
um canto seductor,  
saudoso, terno e magico,  
cheio de muito amor,  
que o attrahisse timido  
que alli ficasse a amar,  
sem da celeste patria  
poder-se mais lembrar.

Depois á azul abobada  
como outra vez subir,  
mostrando á luz do empyreo  
cabellos a cahir,  
esparsos e não nitidos,  
as azas sem ter cor,  
os braços nús, e flaccido  
o collo e sem fulgor,

a fronte, a fronte pallida,  
nos olhos roxidão,  
signal do choro angelico  
n'aquella solidão,  
e os pés negros e morbidos

do fogo, que os queimou,  
tudo entre os anjos placidos,  
que o ceo sempre adorou.

Eis porque os anjos timidos,  
sabios, prudentes são,  
d'estes tristonhos sitios  
fugindo á solidão!

Era n'aquella sombra vaporosa  
que Elôa, a bella, socegada estava,  
sem medo se librando descuidosa  
no curioso enlevo em que se achava.  
Mas, com a presença candida e formosa  
os beneficios novos, que causava,  
e o poder, que em si tinha e conhecia,  
davam-lhe agitação, meiga alegria.

Alguns mundos punidos pareciam  
consolados da pena em que jaseram;

se o vôo ameno d'ella ao longe ouviam,  
logo os astros no ar parados eram;  
nos perigrinos globos, que corriam  
pelo vacuo sem fim onde nasceram,  
breve mudança logo se operava,  
se a ponta da asa do anjo lhes tocava.

Mudava-se o pezar em sentir ledô,  
vingativos rivaes faziam pazes;  
vibrados os punhaes por odio tredo  
do mais leve ferir não são capazes;  
livre o captivo estava sem ter medo  
das algemas cruentas e minazes;  
o proscripto voltava aos patrios lares,  
e a lei erguia o imperio em seus altares.

Não mais a insomnia a presa devorava,  
e a dor e o pranto em risos se fundiam,  
e tu, sincero amor, ao par, que estava  
desunido a soffrer, aos que gemiam  
da saudade, que os peitos maltractava,  
que de lamentos vãos só se nutriam,  
tu, puro amor, a todos consolando,  
ias dictamo grato derramando.

## CANTO SEGUNDO.

### SEDUCÇÃO

Entre os montes erguidos sobre a terra,  
dominando a planície, muitas vezes  
um poço natural abre-se e encerra,  
profundo e solitario, sobre as fezes  
do folhiço, que n'elle apodreceu,  
a agoa limpa, que cahiu do ceo.  
N'ella, como se espelho escuro fosse,  
as estrellas da noite, reflectindo  
nas horas de almo dia a luz tão doce,  
no dubio scintillar estão fulgindo.

Quando alli juncto ao poço a camponesa,  
soltando a corda, vê na lymphá pura  
immerso o balde e pára, á borda presa,  
contemplando no quadro a formosura  
dos lindos astros de um brilhar sombrio,  
cede á vaidade em fragil desvario.

E suppõe que dos astros a grinalda  
lhe adorna a rosea fronte innocentinha,  
corôa feita por mãos de alguma fada,  
de que fosse invejosa uma rainha.

Assim do cháos no fundo Elôa, a bella,  
inclinada a mirar, ingenua cria  
vêr outros ceos e outra alguma estrella,  
que mui distante, ao longe lhe sorria.  
Por innumeros soes sendo offuscados,  
seus olhos á principio divisavam  
abysmo e sombra, logo transformados  
em fogos, que na côr se assemelhavam  
ás centelhas dos frigidós paues,  
varias, errantes e no brilho azues.

Fugiam, vinham, outra vez fugiam;

cada estrella seguia um meteoro;  
do anjo os bellos olhos perseguiam  
os astros n'este gyro em circulo d'ouro.  
E pareceu-lhe então que uma harmonia,  
pura e grata de um astro a outro unido,  
nos peregrinos sons d'elles sahia,  
como a voz clara do crystal pendido,  
que o vento em seu caminho removeu,  
voz que da Italia a filha adormeceu.

Este longinquo som mudou-se em canto,  
que mais distincto foi-se logo ouvindo,  
e os inconstantes fogos por encanto  
uns aos outros se foram reunindo;  
e rosea aurora appareceu por fim  
como se fôra em ceo de alvo setim.  
E ao mimoso clarão nuvem aromada,  
no ar vermelho em espiraes subindo,  
acamou lentamente uma almofada  
igual ao d'Azia frouxa divan lindo.

E sobre ella assentada, como um anjo  
triste e formoso, vagamente viu

uma fôrma celeste o bello archanjo,  
e um som confuso levemente ouviu.

Do alvi-espumeo Clyde o filho ousado  
corre, saltando o nebuloso monte,  
às vezes, perseguindo agil veado,  
que aos sons da trompa em sustos foge insonte  
dos nevoeiros do Crona aos duros gelos  
do Arven, que os possue como cabellos.

Galga a rocha musgosa, abysmos salta,  
cai seguro no chão, passa a corrente  
nos embalos de uma arvore mais alta,  
abre caminho e chega afoutamente  
até juncto da neve não pizada  
antes d'elle na rapida caçada.

Mas, no meio das nuvens posto errante,  
busca o trilho encoberto aos seos olhares;  
e alli, se á luz do iris viu brilhante,  
coroando as agoas, na amplidão dos ares,

nas nuvens perpassar o véo ligeiro  
de uma escosseza, amante de um guerreiro;

se ouviu-lhe a voz nos echos ir morrendo,  
pára encantado, porque julga em sonhos  
que seus olhos alegres estão vendo  
a irman de seus avós, e nos risonhos  
casos de amor a sombra vaporosa  
vibrar as cordas d'harpa melodiosa.

Instando com a memoria, elle procura  
lembrar o nome, que Ossiano dera  
áquella feminil, bella figura  
de transparentes dedos de alva cera,  
e, sobre a rocha altivo, em pé, proclama  
o nome de Evir-Coma: assim se chama.

Não menos bella e menos duvidosa  
do tenebrosó archanjo a fôrma rara  
ao longe appareceu, vaga e formosa,

e ás delicias do encanto se ajunctara.

Como o cysne a dormir longe da margem  
vai levado da onda fugitiva,  
do jovem se firmava a ignota imagem  
n'aquelle aereo leito pensativa,  
vendo os tenues vapores, que fugiam  
á pressão, que os seus braços exerciam.

Era purpurea a veste, que o cobria,  
e, umas veses sem brilho, outras luzente,  
em meigo encanto os olhos distrahia  
na côr da lactea opala transparente.  
Negros cabellos n'uma facha unidos  
como em cr'oa soberba estão mettidos.

D'ella o ouro brilhante era tão vivo  
como as centelhas mysticas, ardentes  
do circulante fogo acceso e activo  
nos vasos dos aromas recendentes;

tinha as azas colhidas còr da bruma,  
que a tarde a ennoitecer doce reçuma.

Debaixo de seus pés, que um circ'lo de ouro  
abrange e feicha, innumerados diamantes  
resplendem como fulge o meteoro  
com graça a derramar fogos errantes;  
nos braços tem anneis, que a vista offendem,  
e os dedos nos anneis também se prendem.

A mão agita, d'aureo sceptro armada,  
como um rei, que de um monte rege os passos  
dos varios esquadrões, e, por um nada  
mandando, move impaciente os braços;  
na frente a inquietação vê-se-lhe impressa,  
e os olhos baixos, tímida a cabeça.

Baixa o olhar por ventura conhecendo  
o magico poder, que n'elle abriga,  
pouco a pouco dos raios seus querendo  
mostrar a carinhosa força antiga,  
ou porque tema revelar sua alma

nã chamma viva, que lhe altera a calma.

Qual brisa matinal, que na floresta  
começa a ciciar no ruído incerto  
e acorda a terra em risos de alma festa  
e move a onda do mar no amplo deserto,  
assim da treva o anjo lentamente,  
erguendo a voz profunda, doce e triste,  
disse á filha de Deus, anjo innocente,  
estas fallas do amor, que n'elle existe:

«D'onde vens, oh, meu anjo formoso?  
«onde vás? qual a senda que trilhas  
«n'esse adejo aromado e mimoso  
«da aza argentea a mover-se no ar?  
«Vás do centro de um sol em procura,  
«leito farto de mil maravilhas,  
«d'onde possas com amor e brandura  
«rubro o eixo do circulo guiar?  
«ou, turbando de medo os amantes,

«mostrar-lhes por noite sombria  
«no horizonte e nas nuvens distantes  
«d'alva aurora o suave clarão?  
«dividindo no calix das flores  
«branco orvalho em celeste magia,  
«ou do iris as rutilas cores  
«sobre os montes, que erguidos estão?

«De velar sobre as almas insontes,  
«d'inspirar terno amor ás donzellas,  
«como um sonho nas candidas frontes,  
«vindo á noite em seus braços pousar,  
«de gerar-lhes um filho n'um beijo  
«não são taes n'algum mundo entre estrellas  
«teus cuidados, teu puro desejo,  
«meigo archanjo de placido olhar?

«Oh, que são, se á belleza, que ostentas,  
«se da gloria ás centelhas divinas,  
«se á doçura ideal, que apresentas,  
«minha crença fiel posso unir!  
«Mas, talvez sejas novo inimigo,  
«educado nas falsas doutrinas

«do rival, que convive contigo,  
«e aqui posto odeiar-me ha de vir.

«Talvez venhas, na offensa a mim mesmo,  
«procurar os pagãos, que me adoram,  
«e leva-los em turmas e a êsmo  
«do baptismo á cruel perdição,  
«porque sempre o inimigo potente  
«nos triumphos, que a fronte lhe douram,  
«voz da infancia ou olhar innocente  
«me offerece em fingido perdão.

«Sou talvez o infeliz exilado  
«a quem tu cuidadosa buscavas;  
«mas te rogo, e aconselho o cuidado,  
«que com Deus debes ter e guardar.  
«Se hoje estou desgraçado precito,  
«foi por dar salvação ás escravas  
«tristes almas, que o amor infinito  
«tinha entregue a terrivel penar.

«Anjo casto! vens tu por ventura

«dar-me pena ou consolo anceiado?  
 «vens do ceo, que me deu a tortura,  
 «mas, tão meiga te vejo, anjo meu,  
 «que não sei porque vens impiedosa  
 «maltractar este pobre exilado,  
 «cujo crime é manter orgulhosa  
 «regia a fronte aos dictames do ceo!»

Assim fallou o Espirito.  
 Da voz ao máo carinho  
 contra a formosa victima  
 usado com fervor,  
 d'este artificio magico  
 ao bello desalinho  
 do ceo a filha candida  
 cobriu-se de pudor.

Envolta na aza rutila,  
 subia a aerea estrada,  
 cheia de estrellas nitidas,  
 querendo se affastar,  
 qual nos canhões roridos,

fugindo de assustada,  
corre a menina trépida  
de alguém, que vio nadar

nas agoas, que são proximas  
do sitio em que ella estava,  
entregue ao seu descuido,  
na lympha a se immergir.

Em vão, porem, dos circulos,  
que a nuvem alli formava,  
seus pés buscavam tremulos  
com rapidez fugir.

Vôa mais prompta e rapida  
a pomba innocentinha  
de Alepo ao lindo sitio  
ao qual mandou-a alguém,  
levando em si a epistola  
do amor de uma rainha,  
sultana meiga e férvida,  
que olhar formoso tem.

Á chamma doce e vivida

do olhar do archanjo impuro  
 cedeu de Elôa timida  
 a voz do coração,  
 e logo que a viu credula,  
 da presa alli seguro,  
 fallou de novo ficto  
 nos cantos da paixão.

«Eu sou aquelle a quem ninguem conhece,  
 «mas a quem todos amam. Meu imperio  
 «sobre o homem fundei, que a chamma aquece,  
 «nos desejos do amor, n'esse mysterio  
 «dos sonhos d'alma, na formosa messe  
 «dos thesouros do sangue, e no sidereo  
 «brilho de um puro olhar, no laço estreito,  
 «que prende o corpo ao corpo, o peito ao peito.

«Eu sou quem dá no sonho á casta esposa  
 «accentos d'alma voz; quem á menina,  
 «tão pudibunda e bella como a rosa,  
 «feliz mentira docemente ensina;  
 «quem noites lhe concede em que repousa

«e ganha o que perdeu, triste e molina,  
«nas longas horas de anojado dia  
«sem luz, sem voz de amor, sem alegria.

«Eu sou o occulto rei d'esses amores,  
«que se nutrem no gremio do segredo;  
«uno dois corações, quebro os rigores  
«das cadeias, que incutem n'alma o medo,  
«qual borboleta leve a levar flores  
«á relva posta á sombra do arvoredó,  
«casando a relva á flôr sem nenhum pranto,  
«sem perigo nenhum no doce encanto.

«Roubéi ao proprio Deus a creatura,  
«e com elle partilho a natureza;  
«cedi-lhe o orgulho fraco de á luz pura  
«do sol, que o excede e vence em realesa,  
«dos astros occultar a formosura,  
«pois tenho a sombra muda, e a terra presa  
«á volupia das noites, que lhe hei dado,  
«ao prazer do mysterio alvoroçado.

«Vieste lá dos ceos com alguns anjos

«ver o deleite d'estas noites minhas?  
 «Dos tenebrosos, rutilos archanjos  
     «as vigílias sosinhas  
 «maravilham de amor, e os meus thesouros  
 «correm á flux dos varios meteoros.

«Quando, embalado abaixo do horizonte,  
 «pallido a desmaiar do homem á vista,  
 «deixa o sol de dourar do alto monte  
 «a tão soberba e tão relvosa crista,  
 «eu, dirigindo espiritos formosos,  
 «vão nas sombras, reçumando aroma,  
 «dos escuros cabellos tão sedosos  
 «sacudindo no ar a altiva coma;

«cheiroso o orvalho lentamente chora,  
 «gottejante de amor, sobre a baunilha,  
 «a rosa, o lyrio até que a linda aurora,  
 «acordando no ceo, mimosa brilha.  
 «Ás leis do imperio meu attenta e grata  
 «me acolhe a natureza em festa e riso,  
 «respira o meu influxo e me idolatra,

«convertida em brilhante paraiso.

«D'ella torno-me a alma, e logo evóco  
«os subditos fieis, que aos meus intentos  
«faceis prestam-se quando o fundo eu tóco  
«dos abundantes, varios elementos;  
«conviva acostumado á alegre festa,  
«um por um cada qual ahi vem cantando,  
«e cuidadoso á voz do mando apresta  
«doce encanto, que n'elle está brincando.

«No orgulho do seu vôo sai primeiro  
«saudoso o rouxinol, ao ceo subindo;  
«á nuvem, terra e onda ei-lo fagueiro  
«disendo amores no gorgueio lindo.  
«Canta em meu elogio ao pé das flores,  
«e, como arauto harmonico, annuncia  
«a minha vinda ás aves multicôres,  
«que os olhos abrem sob a moita fria.

«O insecto refulgente em si reflecte  
«do firmamento a côr viva e brilhante,

«quando em meio das murtas se intromette,  
«soltando a luz da fronte de diamante;  
«nada cede no brilho ao meteoro,  
«que sobre as agoas corre e o fogo apaga,  
«ou dos paues á estrella em traço louro,  
«que minha mão no ar desprende e afaga.

«Quando, fraca os deveres quebrando,  
«a ménina, que a mãe protegia,  
«virgem deixa ao amante buscando  
«nos arroubos de fêrvido amor,  
«estes fachos do ceo, que eu accendo,  
«bem lhe servem nas luzes de guia  
«sob os passos, que move tremendo,  
«guia certo, que nunca é traidor.

«Quando sente nos labios a sêde  
«e vem juncto da praia arenosa  
«e á profunda conchinha allí pede  
«uma taça em que pôssa beber,  
«deve a agua se agita e suspira,  
«e ás areias e aos pés côr de rosa

«docemente de Venus atira  
«bella a concha no leve mover.

«Entre os bosques de rosa aromados  
«os meus anjos lhe mostram ridentes  
«maravilhas nos flocos trançados  
«de herva e murta e cheiroso jasmim,  
«vendo mais a bellesa das flores,  
«que só abrem por noites silentes,  
«e que, amantes como ella, das cores  
«ao sol perdem mimoso o setim.

«Segue-a sempre o silencio medroso;  
«dorme tudo em descanso profundo;  
«ouve a sombra um mysterio extremoso  
«com suave e calada attenção;  
«brando o vento a soprar delicado  
«o mais puro perfume do mundo  
«traz ao leito de folhas formado,  
«onde amores deitados estão.

«Lindas vozes murmuram cantigas,

«que do bosque o repouso quebrantam,  
 «e os dois seres e as almas amigas  
 «lá no abrigo, que a murta lhes dá,  
 «ouvem hymnos de amor e ternura  
 «nos gorgeios, que as aves descantam,  
 «n'esse trino de maga doçura,  
 «que tambem has de ouvir, Eloá.

«A volupia estremece nos ares,  
 «ergue vozes o arbusto viçoso,  
 «hymno augusto os relvosos altares  
 «meigo entoam no puro cantar;  
 «do regato nas margens floridas  
 «gemebundo a correr vagaroso  
 «pousa a pomba, e nas voses doridas  
 «faz-se ouvida no seu lamentar.

«Do grande malfeitor a obra é esta:  
 «este archanjo do mal tão accusado,  
 «de quem dizem que ao proprio vicio empesta,  
 «só desprende de si consolação;  
 «pranteia o escravo e o livra e o salva ás penas

«do que o amo lhe deu misero estado,  
«embalando-o de amor nas cantilenas,  
«deslembrado da sua posição.»

Emquanto o escutou, de Elôa o rosto  
por tres vezes cobriu-se de pudor,  
e, em lucta contra o olhar tão descomposto,  
seus olhos de um azul de linda cor  
por tres vezes fecharam-se innocentes  
sob o pêzo das palpebras ardentes.

CANTO TERCEIRO.

—  
QUÉDA.

D'onde vens, oh, pudor, mysterio lindo,  
augusta timidez da terra filha,  
quando a infancia lhe dava em riso infindo  
os matises da florea maravilha?  
Mimosa flôr dos tempos primitivos,  
que entre nós germinando te engrandeces,  
rosa paraisal de aromas vivos,  
de que logar, do alto, oh, pudor, desces?

Só tu pôdes ainda da innocencia  
occupar o logar em que ella esteve,  
bem que ao vedado pomo a existencia  
tua deve-lhe origem, amor lhe deve.  
O teu encanto iguala o da virtude,  
se não o excede nas purpureas rosas,  
bem que d'ellas o mal o brilho mude  
em desbotadas folhas não formosas.

Teu seio virginal timido enfeita  
o vestuario casto da bellesa,  
de que não se adornou Eva, a perfeita,  
antes de tê-la a serpe eivada e prêsa.  
Mas, se o véo puro a tua fronte adorna,  
é sempre um véo, é sempre cobertura  
pois que o crime tambem d'elle se orna,  
mostrando a que não tem consciencia pura.

Um nada te perturba, e logo encerras  
a palpebra ao olhar mais innocente,  
como as flores das nossas primaveras  
ao raio festival do sol ardente.  
Mais ingenua a criança, nada teme,

não se assusta, nem cõra ou balbucia,  
nada encobre do céu á luz extreme  
no franco e bello riso da alegria.

D'este novo poder submettida,  
sentindo o rosto de pudor cõrado,  
já se a Virgem curvava enfraquecida,  
já cahia nas azas do peccado.  
Sob o jugo do espirito sombrio,  
desce, sobe, e na sombra outra vez desce,  
como se entregue a fraco desvario  
cada vez mais sujeita se conhece.

Assim vê-se a perdiz, que roda e paira  
sobre a quebrada espiga da campina,  
querendo aproveita-la, e se desvaira,  
da prole ouvindo a voz, que aspera trina.  
Se o vôo arrisca, pára, que não pôde  
nos esforços, que faz, furtar-se á vista  
do cão, que a orelha fixa não sacode,  
e prompto e vivo a não perder-lhe a pista.

Como é bello o delirio dos instantes,  
que amor nos dá, se rapido suspira!  
Respondem-se um ao outro os dois amantes,  
como ao vento responde o som da lyra.  
O jovem, lindo interprete, adorado,  
explica a sensação, que elle inspirara,  
e do outro ser formoso e delicado,  
vencendo do pudor a expressão chara,

envolvendo em seus braços a fraquesa  
da virgem, que lhe entrega a vida inteira,  
quasi triumphador da insonte prêsa,  
êbrio da esperança, que lhe luz fagueira,  
repete as juras, que em sentida endeixa  
lhe fez ao coração rubra a menina,  
voz repassada no langor da queixa,  
fraca, celestial, quasi divina.

Assim do mão arclianjo a voz oppressa  
explicava na insidia carinhosa  
a timidez da virgem, que começa  
a descobrir a ideia deleitosa.  
E, recolhida e muda, já disia

que toda inteira ao anjo se entregava,  
e o rei do mal na treva tão sombria,  
julgando-a sua, assim lhe replicava:

«Sou teu, sejas minha; no laço fraterno  
«sejamos unidos, archanjo extremo;  
«mereço-te em paga do amor fido e terno,  
«que a ti me tem preso nas scismas do goso,  
«no tempo, que passa depois que te vi.

«Do ar entre os filhos confuso e perdido,  
«velado, encoberto qual sol entre brumas,  
«a patria azulada do povo querido,  
«paiz ineffavel, roseira entre espumas,  
«um dia, meu anjo, brilhante eu a vi.

«Não tive pesares de haver me afastado  
«dos sitios luzentes, edeneos logares,  
«nos quaes sempre mora do medo o cuidado,  
«a timida ideia de Deus nos altares,  
«mais bella, mais pura depois que te vi.

«Tu só te mostravas qual nitida estrella,  
«que rompe o veo puro da noite azulada,  
«fulgindo a meus olhos, sorrindo tão bella,  
«que a aurora de amores foi logo formada,  
«depois, meiga estrella, que eu louco te vi.

«Tu só foste a imagem do bem desejado,  
«fortuna, que o homem constante procura  
«nas sombras da vida perdido, empenhado,  
«buscando apossar-se da maga ventura,  
«como eu suspiroso depois que te vi.

«Tu só foste a imagem do Deus, que prescruta  
«profundo o mysterio das sortes felises;  
«rainha, que espera meu throno, que escuta  
«da voz de meus labios os sons nos matises,  
«que a deusa harmonia me deu juncto a ti.

«Enfim, por teu porte no ar magestoso,  
«presença formosa, bondosa, divina,  
«por todo esse encanto discreto e mimoso

«me foi revelado, gentil peregrina,  
«que amar eu podia depois que te vi.»

«Quer teus olhos encobertos  
«de uma sombra de tristeza  
«os meus vissem sempre abertos  
«em te vêr e procurar,  
«quer a origem do teu berço,  
«tendo a tua singellessa,  
«mais perto de mim te dêsse  
«patria, mundo ou divo altar,

«é certo que eu tenbo crido,  
«desde a hora em que nasceste,  
«ver-te em tudo, anjo querido,  
«em tudo te conhecer;  
«tres veses passei chorando  
«pelo universo celeste,  
«por toda parte buscando  
«encontrar-te e assim te vêr.

«Dos ares no sôpro ardente,

«n`um raio da branca lua,  
«no astro do ceo cadente,  
«no arco-iris do ceo,  
«no leite brando e macio  
«da neve gelida e nua,  
«eu respirava o perfume  
«dos traços do vôo teu.

«Em vão formulei perguntas  
«aos globos do immenso espaço,  
«dos astros por vezes muitas  
«a luz do carro obumbrei;  
«para attrahir teus olhares  
«tornei-lhes o fulgor baço,  
«e as aureas cordas da lyra  
«celeste vibrar ousei.

«Mas, nada ouviste, sim, nada,  
«e não me viste tão pouco:  
«voltei á terra agitada,  
«já caminho posto a andar,  
«dos homens por entre o abrigo,  
«inquieta e quasi louco,

«sem que me visse contigo,  
«sem te poder encontrar.

«Julguei achar-te sósinha  
«junto de um berço embalado,  
«protegendo a innocentinha  
«criança meiga a dormir,  
«sôpro amigo lhe expirando  
«no rosto tão soçegado,  
«roseos labios lhe beijando,  
«ambos n'um leve sorrir.

«Ou com as azas refulgentes,  
«como em cortina extendida,  
«em horas magas, silentes,  
«contra mim a resguardar  
«o somno da virgem pura  
«ao lado da irmã querida,  
«que, scismando, com doçura  
«tem-na ao peito a apertar.

«Mas, ao meu reino formoso

«voltei só, triste, chorando,  
«gemendo em tom lamentoso,  
«até o instante feliz  
«em que o som do teu adejo  
«fez-me tremer commovido  
«qual sacerdote, esperando  
«a voz de Deus, que o bem diz.»

Foi assim que fallou o archanjo tredo;  
e logo, qual se fosse uma rainha,  
que córa de prazer ingenuo e ledó,  
de soberana ouvindo o nome asinha,  
e aos subditos fieis dirige ufana  
cheio de graça o gesto, e encantadora  
os enleva no olhar de soberana  
e os transporta que d'elles é senhora,

Elòã, erguendo o veô da fronte linda,  
dispõe-se a lhe fallar com doce riso;  
desce mais perto d'elle, desce ainda,  
crendo chegar de amor ao paraiso.  
Curva, inclinada, em languidez formosa,

do amante, que a seduz, contempla o rosto,  
cheia de uma expansão viva, orgulhosa,  
de um meigo effluvio de prazer composto.

Como a vaga do mar, que sobre a areia  
morre, batendo e levantando a espuma,  
seu bello seio, que palpita e aneeia,  
do aroma do suspiro se perfuma.

Como o lyrio suspenso sobre o lago,  
seu braço sem receio se aproxima,  
extendido em procura de um afago,  
que á pouco e pouco a sua voz anima.

A perfumada bocca se entreabrindo  
parece desbrochar pura e mimosa  
como ao encanto da aurora meigo e lindo  
abre-se a bella e pudibunda rosa,  
quando a manhan derrama sobre as flores  
o fresco orvalho em gottas espargido,  
e um raio, que do sol reflecte as cores,  
lhes penetra no seio adormecido.

A doce voz dos labios seus parece

grata harmonia a resoar nos ares,  
que ao mesmo tempo alegre e entristece,  
unindo os sons dos bosques e dos mares.  
Som de uma flauta na soidão soprada,  
ave queixosa a gorgear sosinha,  
onda, que expira em praia socegada  
aos pés do scismador triste, á tardinha;

vento, que passa e brinca de contente,  
beijando o sino frio de uma igreja,  
e, nas bordas zunindo frouxamente,  
leve canção de um sancto rumoreja,  
ou que agita do junco a erguida corôa,  
quando lhe foge ao pé limpida a agua,  
que decorre de um rio ou de lagôa  
na voz fraquinha de sentida magua.

«Já que tens tanta bellesa,  
«has de ser bom certamente;  
«quando de uma alma a puresa  
«toma o caminho do ceo,  
«vemos que a sancta bondade,

«como um vestido innocente,  
 «da bellesa a eternidade  
 «lhe dá no fulgido veo.

«Mas, porque me causam medo  
 «os teus discursos de amores?  
 «em teu rosto que segredo  
 «imprime tamanha dor?  
 «Como desceste, deixando  
 «o ceo, que é patria de luz?  
 «como vives me adorando,  
 «se não amas a Jesus?»

Do olhar a timidez grata e decente  
 dava realce á voz da virgem bella,  
 firme como o pensar mais innocente,  
 que de continuo estava a protegê-la.  
 Era tão doce a voz, tão meiga e pura  
 a lhe cahir dos labios nacarados  
 como no hynverno sobre a encosta escura  
 cái a neve nos flocos delicados.

Porque os anjos, no amor da essencia diva  
nutridos e formados como foram,  
guardam no peito e n'alma a luz activa  
com que tudo illuminam e tudo douram,  
enquanto ella fallou das asas lindas,  
do seio e braços o clarão divino  
nas centelhas, que são do ceo provindas,  
diffundiu-se brilhante e peregrino.

Tal no meio das sombras luz e brilha  
do diamante a clara maravilha.

Encheu-se de temor o archanjo tredo,  
e aos deslumbrados olhos um abrigo  
sob os cabellos negros, pelo medo  
guiado, procurou logo consigo.  
E pensou que por fim, seculos corridos,  
lhe era preciso vêr a Deus de frente,  
e um só dos seus olhares despargidos  
podia anniquila-lo de repente.

E lembrou-se tambem do soffrimento

cruel, oh, sim, cruel, porque ha passado,  
depois de haver com falso e duro intento  
no deserto a Jesus tentar ousado.

E tremeu, e cobriu com a asa immensa  
o negro coração, que o inferno agita,  
chamando sobre si a sombra densa  
do manto, que dos hombros precipita.

Quiz fugir que o terror lhe despertára  
a lembrança dos males, que causára.

Sobre a neve dos montes sobranceiros  
pelo espanhol ousado foi ferido  
o condor, que o rebanho de carneiros  
ameaçava ao longe espavorido.

Ferido vòa, e o sangue vai deitando,  
e sóbe ao ceo com rapidez, que iguala  
á com que o raio desce rebombando,  
fogo do ceo, que abrasa assim que estala.

Olha mui fixamente o sol dourado,  
e procura aspira-lo o bico abrindo,  
suppõdo que da vida o sopro amado  
ha de lhe vir do sol tão claro e lindo.

N'um aureo fluido com pujança adeja  
e por momentos libra-se no espaço;  
mas, o homem feriu-o na peleja  
com mão certa e com seguro braço.

Sente o condor que o chumbo se lhe entranha  
nas palpitantes carnes malferidas;  
e a dôr, que o mata, é afflicção tamanha,  
que o compelle a grasnar queixas doridas.

Soltam-se d'aza as pennas, e a mantilha,  
que lhe adornava o peito longamente,  
võa como uma pluma, e já não brilha  
aos raios, que derrama o sol ardente.

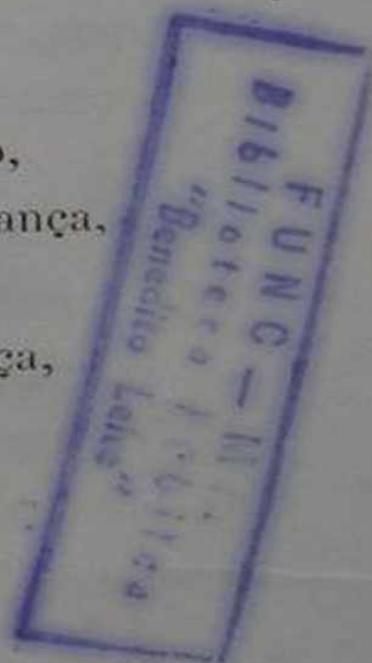
Do ar cahindo, o pezo o precipita

sobre a neve dos montes sobranceiros;  
 n'ella enterrado o corpo inda palpita  
 nos arrancos da morte derradeiros.

E com pezado somno os olhos cerra  
 ao pujante condor dos Andes filho  
 o gèlo accumulado aqui na terra,  
 privando-os do de outr'ora intenso brilho.

Semelhante ao condor, o anjo maldicto,  
 dos males, que causou, tendo a lembrança,  
 curvou a negra coma, e, de constricto,  
 como quem no queixume allivio alcança,  
 pezaroso comsigo assim fallou:

«Triste amor do peccado! vis desejos  
 «de mal fazer atrozes, sem motivo!  
 «omnisciencia audaz, fatuos lampejos  
 «de orgulho inchado e de aridez altivo,  
 «o vosso louco ardor me desthronou!



«Maldicto o instante seja em que eu, ousado,  
«de Deus quiz aferir a onnipotencia!  
«da flor da ingenuidade ora privado,  
«perdido o grato effluvio da innocencia,  
«sinto crestado e morto o coração.

«Tremo em tua presença, mas te adoro,  
«sancta simplicidade, oh, flôr querida!  
«amo-te ainda e o teu perdão imploro;  
«por amar-te o mereço; e d'esta vida  
«quebra o tormento, dando-me o perdão.

«Certo não voltarás, buscando abrigo  
«n'este peito myrrhado, frio e ôco;  
«é tão grande de mim para comigo  
«a distancia entre o anjo e o pobre louco  
«que já não sei qual fui, nem o que sou.

«Não sei mais o que diz voz de innocencia,  
«e n'este exilio soffro agro tormento;  
«e, pelo mal curvado sem clemencia,  
«minh'alma da virtude ao claro assento

«não pôde mais subir, tanto baixou.

«Que foi feito de vós, celestes dias,  
 «tão repletos de paz e amenidade,  
 «quando eu ia no còro de harmonias,  
 «primeiro d'entre os anjos sem vaidade,  
 «curvo o joelho, a Deus preces erguer?

«Inteira a fé me dominava a ideia,  
 «e como a patria eterna era formosa!  
 «raios na fronte, a mão de flores cheia,  
 «na bocca o riso, no semblante a rosa....  
 «talvez pudesse amar e amado ser!»

O archanjo tentador quasi encantado  
 estava então, e olvidado havia  
 arte, victima, crime, e socegado  
 no peito o coração lhe adormecia;  
 e em baixa voz, pendida a fronte altiva  
 entre as mãos, repetia este conceito:

«se vos eu conhecesse, essencia diva,  
«lagrima humana a borrifar-me o peito!»

Se a Virgem n'aquelle instante  
podesse ouvir-lhe os queixumes,  
se a mão celeste, que ousasse  
meiga e bôa lhe estender,  
o tocasse arrependido,  
subir ao ceo desejando,  
quem sabe? talvez deixasse  
o mal de existencia ter.

Mas, logo que viu fluente  
sobre a fronte pensativa  
a dôr triste e convulsiva  
do sentimento infernal,  
tremula, attonita, os olhos  
ergueu com a viva lembrança,  
mais que nunca, da pureza  
do viver celestial.

Das azas brancas o adejo

ensaiou, abrindo os labios  
roseos, puros, perfumados  
para um gemido soltar,  
como a criança, segura  
aos canniços recurvados,  
gritos fracos solta em ancias  
sob a agoa, a se afogar.

Da treva o anjo a viu prestes  
a deixa-lo, aos ceos voltando;  
e, como um tigre desperto,  
salta no ardente areial,  
em si de prompto encontrando,  
mais pujante em seu imperio,  
aquelle espirito válido,  
negra potencia do mal,

que se não curva, nem dobra,  
que se irrita ante a innocencia,  
corou de haver duvidado  
do seu infernal poder;  
e a paz na fulgida fronte  
restabeleceu promptamente,

e a audacia dos olhos bellos  
poz-se logo a desprender.

Por longo tempo em silencio  
contemplou, olhando-a e vendo,  
do ceo a victima candida,  
que destina ao templo seu,  
como provar-lhe querendo  
que em vão resistir-lhe póde  
e que ao divo olhar da Virgem  
mais elle se endureceu.

Sem amor, sem ter remorsos,  
gelido o peito, cogita  
dos golpes com que procura  
feri-la o melhor logar;  
e, semelhante ao guerreiro,  
que nas falhas da armadura  
tranquillo o ferro encaminha,  
ensaia ao anjo enganar.

Ar e voz, o porte e o gesto,

tudo altera e muda rapido;  
fallaz pranto, que não mana  
do sentir do coração,  
nos lacrymaes se agglomera  
subito em grande abundancia,  
como um signal ou protesto  
de dôr, de magna afflicção.

A Virgem no ceo não tinha  
visto o pranto em face alguma;  
e pára; um suspiro augmenta  
a commoção, que a tomou;  
como um proscripto, que chora,  
ou viuva, que lamenta  
a morte do filho amado,  
o anjo máo soluçou.

Soltos os negros cabellos,  
esparsos estão pendentés;  
nada impede o livre curso  
dos suspiros que elle dá.  
A Virgem desce e o procura  
e chora; e o anjo lhe falla

uns carmes de amor tão bellos,  
e assim lhe falla Eloá:

«Que tens? que mal te fiz? eis-me aqui prompta.»  
—Tu procuras deixar-me aqui sósinho,  
para sempre talvez.

Com que rigores punes a franquesa  
de te haver descoberto o meu passado  
de audacia e de altivez!—

«Com mais agrado juncto a ti ficára;  
mas, o Senhor me espera, e no ceo alto  
eu quero em teu favor  
rogar, interceder; d'elle a bondade  
muitas vezes attende á prece humilde  
da piedade e amor.»

—Do Senhor de Israel a omnipotencia  
não me alcança e nem toca; o meu destino  
ninguem altera, não.  
Tu só tens o poder de ao triste archanjo

salvar d'este martyrio em que o poseram,  
 amar, dar-lhe o perdão.—

«Que te pôsso fazer? queres que eu fique?»  
 —Desce até onde estou, sim, que não pôsso  
 d'aqui subir, passar.—

«Mas, que dadiua queres?»—A mais bella,  
 que és tu; vem.—«Do ceo puro  
 preciso é me exilar?»

—Que importa, se tu me amas? toma, aperta  
 esta mão, que te offereço; dentro em pouco  
 em um despreso igual  
 confundiremos ambos na lembrança,  
 no raciocinio frio o bem fecundo  
 e o mais fecundo mal.—

—Não sabes que de encantos, que prazeres  
 gosa quem colhe e guarda o alheio pranto  
 no peito a se lhe abrir!  
 Existe uma fortuna ignota e bella,

que só eu te darei, pondo-a em tua alma  
inteira a me sorrir.—

—Como a aurora do ceo, e a meiga lua  
no poente posta os raios seus confundem  
antes de o sol se erguer,  
ou como o orvalho ajuncta em uma perola  
duas lagrimas suas, que das flores,  
o aroma quer beber;

como dois cyrios n'uma luz misturam  
as duas chammas, que ardem, nossas almas  
mui justas se unirão.—

«Amo-te e desço. Mas, do ceo fugida,  
perdida n'este abysmo a sós contigo,  
os anjos que dirão?»

Ao longe n'este momento  
passou, cantando nos ares,  
levado na aza do vento,  
um côro celestial;

entre louvores erguidos  
a Deus do ceo nos altares,  
os anjos enternecidos,  
puros na voz divinal,

disiam: «perenne gloria,  
«sòe nos seculos, no mundo,  
«como um laurel de victoria  
«ganho em pública ovação,  
«áquelle que se captiva  
«ao sacrificio fecundo  
«de perder a essencia diva  
«por extranha salvação.»

N'este canto melodioso  
parecia o ceo fallar,  
e ao anjo casto e medroso  
amor, vida e força dar.

Por duas vezes ainda  
a Virgem pudica e bella,

erguendo a palpebra linda,  
irresoluta no olhar,  
os ceos procurou distantes,  
e o brilho de alguma estrella;  
ceos e astros fulgurantes  
já não mais pôde encontrar.

Os anjos, que ao cahos desciam,  
cumprindo as ordens de Deus,  
vagos terrores sentiam  
longe da terra e dos ceos.

E viram no plaino immenso  
de fogo uma nuvem cheia  
romper-se no brilho intenso,  
serpejante, escura e feia.

Nas chammas se confundiam  
cruéis phrazes, triste voz  
de queixumes, que se ouviam

n'um bater d'asas veloz.

«Bello archanjo, onde me levas?»

—Vem comigo, sempre; vem.—

«Que voz triste! som de trevas

«esse teu discurso tem.

«Ah! não sou a pura Elòã,

«que as cadeias te rompeu,

«salvando-te meiga e bôa?»

—Não; quem te arrasta sou eu.—

«Se a nossa união perdura,

«pouco me importa o lugar

«em que unidos á ventura

«fruámos gosos sem par.

«Dá-me ainda o doce nome

«de tua irman, de teu Deus.»

—És minha victima; vou-me  
contigo, filha dos ceos.—

«Quanta bondade sorria  
«na tua face formosa!  
«Que fiz eu?»

—Um crime; e ardia  
por vêr-te assim criminosa.—

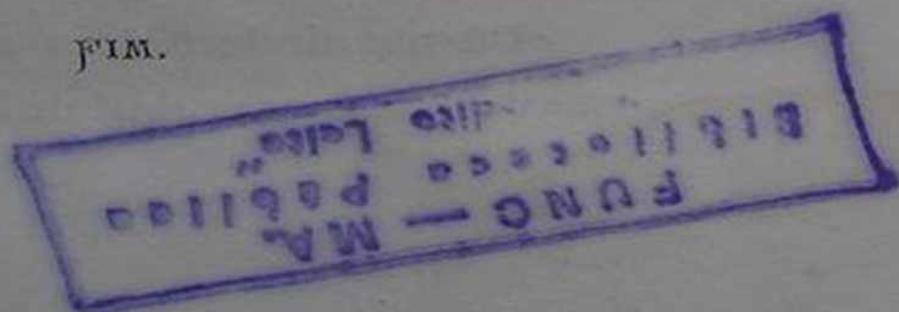
«Mais feliz serás agora,  
«ou ao menos mais contente?»  
—Não; minha fronte descôra;  
mais tristesa o peito sente.--

«Quem és tu?»

—Satan sou eu.—

Ai, pobre filha do ceo!

FIM.



## ALFREDO DE VIGNY.

Da *Illustração Franceza* de 3 de outubro de 1863 extrahimos a seguinte noticia sobre o auctor da *Eloá*:

«O conde Alfredo de Vigny, fallecido ha poucos dias na idade de sessenta e dois annos, descendia de uma familia de militares. Nos primeiros annos de sua vida revelou inclinação á carreira das armas, inclinação esta que encheu de sustos á sua mãe. Contando apenas deseseis annos, quando houve em França a primeira restauração, entrou no batalhão dos mosqueteiros vermelhos da casa do rei e acompanhou Luiz 18 a Gand. Retido em Amiens durante os Cem dias, foi admittido em 1816 no corpo de artilharia da guarda e conseguiu em 1823 tomar parte na expedição da Espanha. Tendo, porem, o seu regimento aquartelado nos Pyreneus, o jovem official, que não podia combater, dedicou ao estudo e ao cultivo da poesia as suas horas de lazer estrangido.

Em 1813 tinha Alfredo de Vigny escripto dois poemetos imitados de Theocrito: *a Dryade* e *Symeta*. Em 1822 publicou um volume de poemas; e de 1824 a 1825 foram dados á lume os seus *Poemas antigos e modernos*, d'entre os quaes o mais delicado é o que se deno-

mina—*Eloá*. Esta composição deu logo grande voga ao poeta e o collocou em um dos primeiros logares na eschola litteraria nascente então. Não seria temeridade o affirmar que Alfredo de Vigny foi o primeiro escriptor romantico. Em 1826, sendo ainda official, porque só em 1828 foi que pediu a sua demissão, Alfredo de Vigny publicou o *Cinq-Mars*, um dos primeiros romances historicos do século. Em 1832 publicou o *Stello* e em 1835 o volume intitulado *Servidão e grandeza militar*, que é considerado a sua obra de primor.

Alfredo de Vigny escreveu tambem para o theatro, e deixou-nos o *Othello*, a *Marechala d'Ancre*, *Chatterton*, e o lindo proverbio *Quitte pour la peur*. O *Chatterton* foi estrondosamente applaudido.

Alfredo de Vigny publicou ainda os *Poemas Philosophicos*, na *Revista dos dois mundos*, e as *Consultas do Doutor Negro*.

Foi eleito membro da Academia Francesa em 1845 na vaga do auctor da *Joconde*.

O nome de Alfredo de Vigny é sem contestação um dos mais brilhantes da nossa época. Apaixonado pela arte, amigo da solidão e do recolhimento, dedicou-se exclusivamente ao cultivo da poesia.

A elegancia, a delicadesa, o encanto do pensamento, o amor da obra emprenhida são as principaes qualidades d'este escriptor, qualidades tanto mais apreciadas quanto são raras, hoje então. Alfredo de Vigny votava sincero amor á mocidade. Muitos escriptores foram por elle animados e sustentados; e sempre deu optimos conselhos aos seus jovens amigos, não na qualidade de mestre, para o que tinha incontestavel direito, mas na de irmão mais velho. E, todavia, só quarenta pessoas no maximo acompanharam ao seu ultimo jazigo o corpo de um homem, que foi tão amavel, e cujo nome é tão brilhante de glórias! Este facto muito mais nos surprenderia, se não nos recordassemos de que, no sahimento de um outro poeta célebre, só cincoenta e duas pessoas acompanharam o caixão de Alfredo de Musset.

É que a França nem sequer sabe fazer o enterro dos seus homens illustres.»